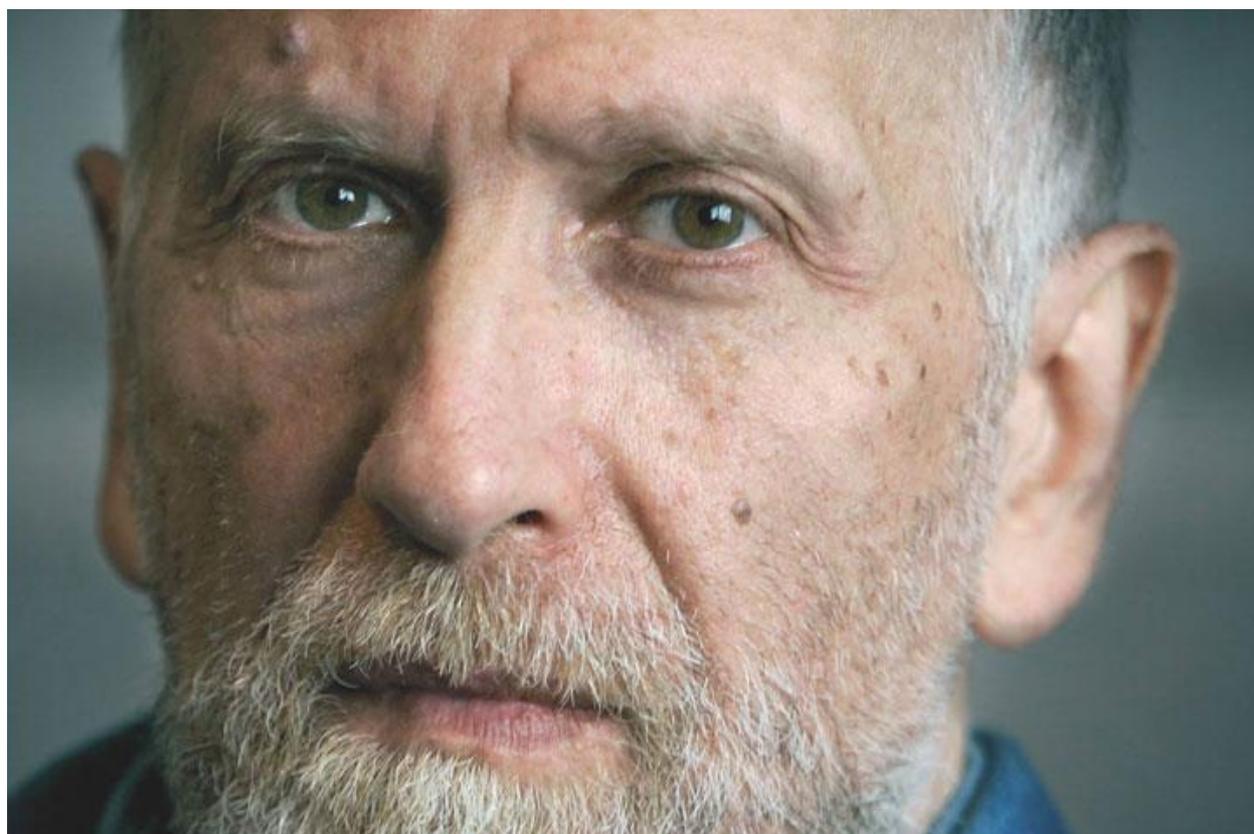


OS ÚLTIMOS DIAS DE BOBBY FISCHER

por Frederic Friedel

17/01/2019 - Hoje, onze anos atrás, um dos maiores enxadristas de todos os tempos, Robert James Fischer, faleceu. Ele havia passado três anos na Islândia, dois em relativo conforto e harmonia, mas foi atingido por uma doença horrível no final de 2007. Ele tinha um amigo verdadeiro que cuidou dele até o fim: Gardar Sverrisson, que oito anos depois escreveu um livro notável sobre o Fischer que ele conheceu e que se tornou parte de sua família. Hoje, com a permissão de Gardar, trazemos trechos comoventes da seção final de seu livro.



Bobby Fischer

Introdução por Frederic Friedel

Exatamente onze anos atrás, em 18 de janeiro de 2008, eu estava dirigindo pela Holanda, a caminho do torneio em Wijk aan Zee. Na rodovia expressa holandesa, meu telefone tocou: era Nadja Wittman, que administra nossa página de notícias em espanhol. "*Fischer morreu*" - ela disse. "*O Serviço Mundial da BBC quer fazer uma entrevista com você.*" Fiquei chocado: o grande herói de Xadrez da minha infância havia morrido, no dia anterior, por volta do meio-dia. Eu dirigi para a próxima cidade para obter melhor recepção de telefone celular e falei com o serviço de notícias britânico por talvez uma hora. "*Você parece realmente muito perturbado*" - disse o editor em Londres, depois que terminamos. Eu estava. Em Wijk, a sexta rodada do torneio Corus Chess começou com um minuto de silêncio em memória de Fischer.

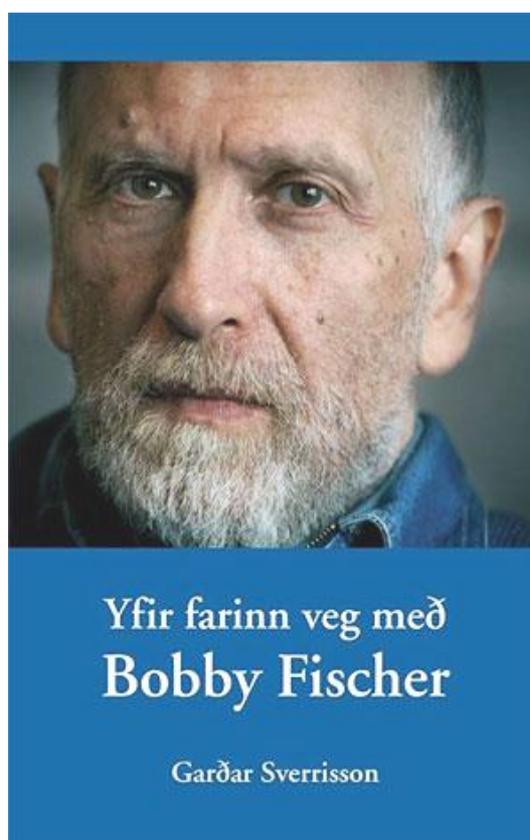
Alguns anos antes de sua morte, Bobby Fischer estava planejando um retorno ao Xadrez - uma partida "Fischer-Random" contra o Campeão Mundial Viswanathan Anand. Neste assunto ele decidiu que queria me consultar, sendo eu o co-fundador da ChessBase e editor da página de notícias da empresa. Mas antes que ele pudesse fazer isso, ele precisava mandar alguém para Hamburgo, para "me checar". Esse foi Gardar Sverrisson, seu melhor e, na verdade, o único amigo que ele havia deixado na Islândia.



Gardar Sverrisson

Gardar veio para Hamburgo e passou vários dias em minha casa. Ele era uma pessoa muito culta e acadêmica, genuinamente interessada em todos nós, e não assim apenas porque Bobby o enviara. Ele tem um grande senso de humor e muitas histórias para contar. Ele se tornou um amigo permanente da família.

Em 2015, Gardar escreveu um livro muito pessoal, "Yfir farinn veg med Bobby Fischer", que se traduz em "A Estrada Final com Bobby Fischer" (descrevemos aqui). Foi um trabalho de amor: inicialmente, Gardar tinha escrúpulos profundos em revelar detalhes de suas interações privadas com um amigo que abominava a divulgação pública. Não foi uma triste traição à confiança de Bobby? Mas o grande volume de informações falsas, o retrato unilateral do gênio atormentado que estava sendo divulgado na imprensa geral, acabou por levar Gardar a escrever seu livro, a descrever um amigo que se tornara parte de sua família e que esteve sob seus cuidados durante os últimos anos de sua vida. Este trabalho extremamente pungente está atualmente disponível apenas em islandês, embora uma excelente tradução em inglês já tenha sido feita. É desta tradução que os trechos abaixo são tirados.



O livro de Gardar

Primeiro, porém, alguns antecedentes. Em julho de 2004, Fischer foi preso por autoridades de imigração japonesas no Aeroporto Internacional de Narita e mantido por meses sob custódia japonesa. Um "Comitê para Liberdade de Bobby Fischer" foi fundado, e Boris Spassky apelou em uma carta a George W. Bush por "misericórdia e caridade", oferecendo-se para ficar na mesma cela com Bobby Fischer se eles recebessem um jogo de Xadrez. Durante esse tempo, Fischer se casou com Miyoko Watai, presidente da Associação Japonesa de Xadrez, com quem ele vivia desde 2000, e pediu asilo. Mas o ministro da justiça do Japão rejeitou o pedido de Fischer e ordenou sua deportação. No final de março de 2005, Fischer solicitou e obteve a cidadania islandesa plena por razões humanitárias, em reconhecimento à sua partida de 1972 contra Boris Spassky, que "colocou a Islândia no mapa". Na Wikipedia, lemos:

"Depois de chegar a Reykjavík, Fischer viveu uma vida reclusa na Islândia, evitando empresários e outros que o abordaram com várias propostas. Ele se mudou para um apartamento no mesmo prédio que morava seu amigo próximo e porta-voz, Gardar Sverrisson. A esposa de Gardar, Kristín Þórarinsdóttir, era enfermeira e depois cuidou de Fischer como paciente terminal. As duas crianças de Gardar, especialmente seu filho, eram muito próximas de Fischer. Fischer também desenvolveu uma amizade com Magnús Skúlason, um psiquiatra e jogador de Xadrez que mais tarde recordou longas discussões com ele sobre uma ampla variedade de assuntos. Em 17 de janeiro de 2008, Fischer morreu, aos 64 anos, de insuficiência renal, no Hospital Landspítali (National University Hospital) da Islândia, em Reykjavík. Ele originalmente tinha um bloqueio do trato urinário, mas recusou a cirurgia e medicações. Em 21 de janeiro, Fischer foi enterrado no pequeno cemitério cristão da igreja de Laugardællir, nos arredores da cidade de Selfoss, 60 quilômetros a sudeste de Reykjavík, após um funeral católico presidido pelo padre Jakob Rolland, da diocese de Reykjavík. De acordo com os desejos de Fischer, apenas Miyoko Watai, Gardar Sverrisson e a família de Gardar estavam presentes."



Em 2007, Fischer mudou-se permanentemente para um apartamento no mesmo prédio em que Gardar Sverrisson, sua esposa Kristín e sua filha Togga vivem. Na foto acima, tirada em 2017, o apartamento de Fischer fica no topo, no meio.

Em 2007, ficou claro que algo estava seriamente errado com a saúde de Bobby. Mas ele insistiu que isso fosse mantido totalmente em segredo e não concordou em visitar um médico. Ele começou a passar muito mais tempo no apartamento de Gardar e Kristín, dois andares abaixo, muitas vezes dormindo no sofá da sala de estar. Quando sua condição piorou, ele finalmente concordou em passar alguns dias em um centro médico - somente depois de ter certeza de que ele não poderia ser forçado a tomar drogas, nem mesmo analgésicos, fornecer amostras de sangue ou submeter-se a um raio-X.

Bobby considerava os seres humanos como parte integrante da natureza e sujeitos às suas leis da mesma forma que os outros seres vivos. A natureza tinha que ser deixada em paz para seguir seu curso e buscar o equilíbrio, para o qual era muito melhor equipada do que os humanos. Ele considerava a ciência médica ocidental antinatural e extrema, sem limites impostos às interferências e intervenções, medicamentos prejudiciais, cirurgias desnecessárias, experimentos suspeitos e influências cada vez maiores na própria criação. Bobby se interessou pelas opiniões de um certo Kevin Trudeau e seu controverso livro "*Curas Naturais Que Não Querem Que Você Conheça*". Na contracapa do livro havia uma pergunta: "*Você sabia que a profissão médica, em parceria com a indústria farmacêutica, tem um enorme interesse em mantê-lo doente ao invés de curá-lo?*"

Bobby concordou com um exame de ultra-som, o qual revelou que ele estava sofrendo de insuficiência renal aguda. Ele começou a automedicação, consumindo grandes quantidades de suco de cenoura e frutas, e sua condição melhorou de alguma forma. Mas o segredo de sua permanência na clínica vazou e quando um fotógrafo se instalou na sala de estar da enfermaria, Bobby não conseguia mais pensar em ficar no hospital. Mais do que sua doença, ele temia que sua saída do hospital fosse capturada em uma fotografia e assim, em novembro de 2007, Gardar o retirou às escondidas pela porta dos fundos e o levou de volta para casa.



A antiga entrada do Landsspitalinn em Reykjavik, onde Fischer passou seus últimos dias



A entrada principal, que Fischer teve que evitar a todo custo [ambas as imagens de 2017]

Continuamos com trechos extraídos do livro de Gardar.

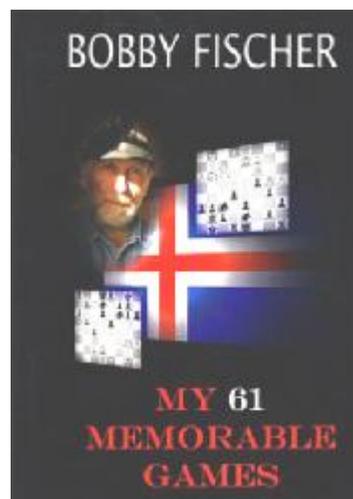
Fischer nos últimos dias **Por Gardar Sverrisson**

Bobby não conseguia esconder sua alegria por estar de volta em casa, em sua própria cama e em seu próprio apartamento, que ele havia equipado com um mecanismo de trava dupla. Não menor foi sua alegria por ter superado a mídia. Poucas vitórias eram mais importantes para ele do que fugir dos repórteres e fotógrafos. Ele deu uma grande gargalhada e quis que eu me juntasse à sua alegria, lembrando o quão bem-sucedidos nós tínhamos sido, de quão perto do fio da navalha tínhamos sobrevivido e quais foram as lições mais importantes da nossa fuga espetacular.

Enquanto eu me alegrava com ele no fato de que nenhuma evidência fotográfica de sua hospitalização e doença parecia ter sido capturada, era angustiante para mim testemunhar uma e outra vez a turbulência emocional que os fotógrafos e operadores de câmera podiam despertar nele. Mas agora ele estava são e salvo em seu próprio apartamento, dois andares acima do meu, e ninguém poderia saber que lá ele poderia ser encontrado. Embora estivesse fraco e cansado, era como se o retorno a Espigerdi tivesse desencadeado alguma alegria nele, mais sincera e jovial do que antes. Ele não estava apenas grato por estar livre do sofrimento das últimas semanas, mas agora parecia feliz por simplesmente estar vivo.

O advento chegou. A escuridão reinava e o frio do inverno começara a marcar presença. Um dia, Bobby foi sozinho para o banco. Ele pegou um táxi e esperou. Este tinha sido um empreendimento tão bem sucedido que agora ele queria, por todos os meios, ir ao cinema. Sverrisson se ofereceu para acompanhá-lo e, juntos, eles assistiram a *American Gangster*, um filme em parte ambientado em Nova York, o que provocou todo tipo de reminiscências em Bobby, além de histórias do submundo da cidade através dos tempos.

Logo após a volta ao lar, recebemos a notícia de que um novo livro estava circulando, chamado "Minhas 61 Melhores Partidas" e atribuído a Bobby. O livro supostamente continha os 60 jogos que ele havia selecionado e incluído em seu livro "Minhas 60 Melhores Partidas" e, além disso, havia uma partida sua contra Spassky, de 1992. Ele ficou profundamente triste quando lhe contei a notícia da edição falsificada, que mais tarde acabou sendo ilustrada com a bandeira islandesa e fotografias que tinham sido tiradas para fins pessoais pelos islandeses, com quem ele parou de interagir.



Na maior parte do começo de dezembro, Bobby passava dias inteiros em nossa sala de estar, geralmente em seu grosso robe de algodão branco. Para acomodá-lo, tínhamos disponibilizado a velha cama de Togga, que de outra forma tínhamos planejado jogar fora. Bobby, que mais uma vez começou a sentir dor nas costas, ficou feliz por poder trocar entre aquela cama e o sofá de couro verde em que ele tirara tantos cochilos.

Entre as discussões sobre sua doença e prognóstico, que ambos achávamos que deveria ser bom, ele agora sentia uma necessidade crescente de direcionar nossas conversas para assuntos relacionados ao Xadrez. Ao contrário do que ele queria que as pessoas pensassem, "o velho Xadrez" estava sempre em sua mente. Toda vez que o Xadrez aparecia, por exemplo em um filme, ele me cutucava ou chamava minha atenção para isso de alguma forma. Ele costumava me contar histórias de jogadores de Xadrez anteriores à sua época, mestres que, a seu modo, tinham algo notável para contribuir. Mas agora os russos estavam em sua mente novamente, os velhos inimigos nos quais eu tinha sido levado a acreditar que ele pensava pouco. Agora era como se eles fossem apenas velhos amigos, colegas de quem ele sentia falta, visto que eles tinham ido embora.

"Por que você não me traz o livro de Romanovsky que eu recomendei a você?" - disse ele uma vez, quando eu estava testando contra ele uma idéia minha relacionada ao Sistema Colle. O Sistema Colle era uma abertura que Bobby achou tão desprovida de ambição que, quando falamos sobre isso, ele fez um gesto de desaprovação, como se estivesse protegendo-se de um fedor, e muito embora eu tenha conseguido me dar bem em um meio-jogo, ele admitiu que a posição estava somente um pouco melhor para as Brancas, não mais do que isso. No lugar desse deprimente Sistema Colle, ele agora queria me mostrar uma posição na Defesa Índia da Dama, que surgiu em um jogo que Smyslov jogara no Campeonato Soviético de 1947. Aquele jogo seria encontrado no magnífico livro de Romanovsky. Em nome de Smyslov, ele queria tentar encontrar uma melhoria que ele tinha certeza que estava lá para ser encontrada.

Quando achei que tínhamos passado mais do que tempo suficiente em experimentos em nossa busca por uma jogada melhor para Smyslov, Bobby estava longe de querer desistir. Eu opinava que, neste momento, seria improvável que encontrássemos a boa contra-jogada que Bobby tinha certeza que estava se escondendo em algum lugar da posição. E ele continuou analisando a posição e revirando as opções de Smyslov em sua mente.

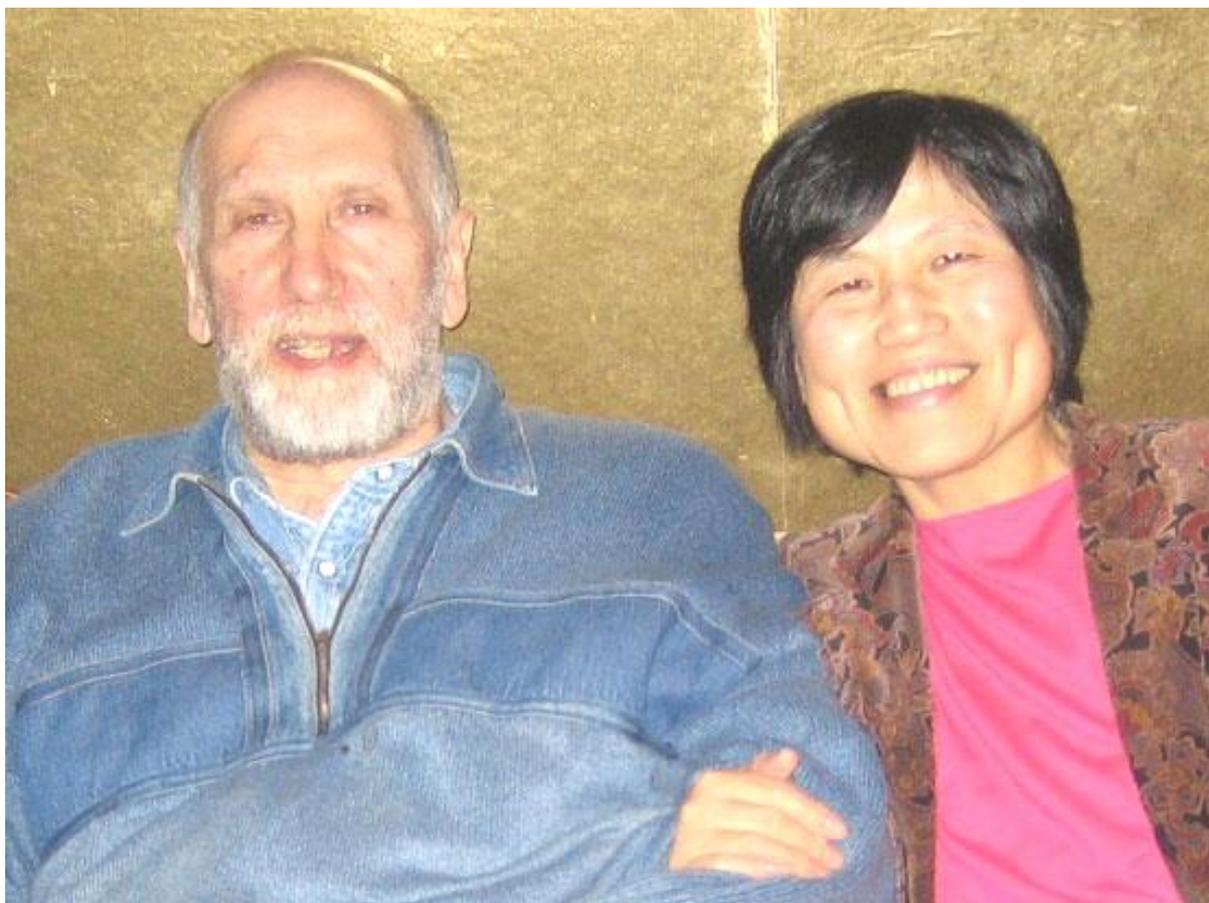
"Eu não acho que há algo lá, Bobby."

"Espere, espere" - ele disse, sem vontade de desistir.

"Mas esgotamos todas as opções."

"Não tenha tanta certeza, Gardar. Não tenha tanta certeza."

Enquanto eu esperava que ele encerrasse essa longa análise, de repente eu percebi que, nesse assunto, talvez não coubesse a mim dizer a ele quando as suas opções haviam se esgotado. Embora Bobby conhecesse os limites de minhas habilidades enxadrísticas melhor do que qualquer um, às vezes ele ficava tão satisfeito que eu desejasse melhorar o meu jogo que ele parecia se esquecer completamente do abismo que separava o meu entendimento do assunto do dele.



Miyoko [a esposa japonesa de Fischer] chegou em dezembro e ficou por quase duas semanas. Durante esse tempo, ela fez o melhor possível para facilitar a vida de Bobby, fez suas compras e cozinhou para ele todos os tipos de pratos japoneses. Eiríkur, o urologista, ligava-me periodicamente para perguntar sobre a saúde de Bobby. Inicialmente, achei que isso fosse uma simples consideração, pois há muito que se acabou o tempo quando os médicos islandeses telefonavam, por iniciativa própria, para perguntar como um paciente estava se sentindo.

Três dias antes do Natal, Miyoko foi embora. Enquanto ela esteve aqui, a saúde de Bobby se deteriorou. Sua dor aumentou e ele desenvolveu uma escara desagradável que Kristín tentou limpar e aplicar pomadas apropriadas. Apesar dessas queixas e fraqueza física geral, Bobby queria sair com ela para fazer algumas compras de Natal. Embora Kristín tenha se oferecido para fazer isso por ele, ele não pôde ser convencido a não participar dessa sessão de compras.

Na loja, Bobby mostrou-se desconfortável com a tarefa de andar pelas seções e colocar os produtos no carrinho de compras, no qual estava se apoiando. Depois de alguns minutos, ele teve que se sentar em um banco do lado de fora da loja e quase desmaiou enquanto Kristin não chegava. Um velho, que aparentemente não reconheceu o homem doente, esteve ajudando Bobby por algum tempo até que Kristín chegou e o apoiou no carro.





Fischer em seu auge e durante seus últimos anos em Reykjavik

Na noite da missa de St. Thorlac, no dia 23 de dezembro, Bobby estava recuperado e alegrou-se novamente depois do desapontamento das compras de Natal. De parte da minha mãe, que sempre fez um jantar na missa de St. Thorlac, eu lhe dei uma porção de iguarias, arenque em conserva, bolachas de pão folheado frito, *gravlax* e perna de cordeiro defumada com batatas e salada de maçã. Embora seu apetite fosse limitado, Bobby apreciou essa comida. Naquele terceiro Natal dele na Islândia, finalmente percebemos que sua ansiedade natalina se devia ao fato de ele se importar muito mais com suas férias do que queria deixar transparecer.

Bobby estava ansioso para participar de um jantar de peru conosco na véspera de Natal e chegou em nossa sala de estar, decorada, com bastante antecedência. Ele estava no melhor dos humores, mas logo passou a se sentir tão enjoado que não confiava em si mesmo para comer. Em vez disso, ele preferiu tentar descansar e voltar mais tarde, à noite.

Nós terminamos de comer e começamos a tomar nosso café e sorvete caseiro quando Bobby finalmente voltou para o nosso apartamento, envolto em seu robe de algodão branco como se estivesse com frio. Ele se empoleirou na poltrona mais próxima da árvore de Natal, mas logo desistiu e pediu para se recostar na cama de Togga que, por sua causa, achamos imprudente remover da sala de estar. Bobby disse que não estava com frio, ao contrário do que nos parecia, e negou completamente a possibilidade de estar com febre. Ele estava apenas cansado. Morto de cansado. Esforçou-se mais do que devia. Esforçou-se? Ele não tinha ido descansar um pouco?

"Sim, eu ia" - disse ele, se desculpando. "Mas então, estupidamente fui e montei algumas partidas de Xadrez." Ele balançou a cabeça, reconhecendo sua própria tolice, e suspirou pesadamente, com o rosto vermelho e falta de ar.

Esta não foi a primeira vez que Bobby quis dar uma olhada rápida em alguma partida e acabou ficando tão absorto até se exaurir, porém nunca esteve tão esgotado como hoje. Se ele passasse mais do que alguns minutos olhando para uma posição no tabuleiro, muitas vezes acabava se concentrando tão profundamente quanto se estivesse competindo. Mas agora ele também havia se esquecido de que estava doente e não devia ter se esforçado assim. E como ele não consegue olhar para uma posição de Xadrez sem se esforçar, não seria mais sensato ficar completamente longe do tabuleiro enquanto estivesse tão fraco?

"Não. Não é isso."

"O que então?"

"Eu estava nisso há muito tempo" - explicou ele. "Eu deveria ter parado mais cedo."

Então, enquanto eu observava Bobby tremendo de fadiga, percebi, como se pela primeira vez, o que realmente tornara meu amigo tão inigualável em sua arte - a arte que ele havia me explicado era "simplesmente matemática"!

Embora Bobby geralmente tivesse pouco interesse por bebidas e fosse praticamente abstinente, ele agora estava ansioso para tomar um copo de conhaque. Depois disso, ele sentiu vontade de comer algumas fatias finas de peru com batata doce e molho. Felizmente ele foi capaz de comê-las pouco a pouco, o que ele comemorou aceitando mais um pouco de conhaque, algo que me surpreendeu, pois eu nunca tinha visto ele aceitar mais do que um único copo de bebida tão forte.

Bobby deu graças ao conhaque que sua dor nas costas estava um pouco menor agora do que há muitos dias. À medida que a noite avançava, ele aceitou mais conhaque, sem que mostrasse qualquer efeito perceptível, exceto que estava relaxado, de bom humor e grato. Naquela noite de Natal, nos sentamos na sala de estar e trocamos histórias aconchegantes, nos divertimos como se todas as preocupações do mundo estivessem longe de nós.



Bobby e Gardar visitam Edda Thraínisdóttir, a viúva de Freysteinn Thorbergsson, um velho amigo de Bobby que, durante a partida de 1972, conseguiu resolver vários problemas nos bastidores do jogo totalmente em cima da hora. Visitar Edda era uma alta prioridade para Bobby quando ele chegou à Islândia, em 2005.

Solstício

Na manhã de Natal, havia uma quietude na cidade. Havia nevado muito e um carro que estivesse passando podia ser ouvido à distância. Embora já fosse manhã, a escuridão ainda reinava. Eu tinha acabado de acordar e ainda estava na cama quando vi, no meu celular, que Bobby tentou falar comigo. Era estranho ele ligar agora, então algo deve estar errado.

Ele estava deitado no quarto escuro e me disse, em voz fraca, que mal conseguira dormir devido à dor. Não importava em que posição ele ficasse deitado, a dor era sempre muito forte. "Eu não sei por que isso está acontecendo comigo" - disse ele, angustiado.

Acendi a lâmpada de sua mesa de cabeceira e sentei-me à beira de sua cama. Assim que me sentei, ele pegou minha mão e apertou-a com força. Nós não tivemos que desperdiçar muitas palavras expressando que parecíamos estar de volta na mesma situação do final do verão. Tampouco precisamos conversar muito antes de eu obter sua permissão para chamar um médico.

Em poucos instantes, Eiríkur havia chegado. Obviamente, não o surpreendeu que precisássemos de sua ajuda. A condição que ele percebeu também não pareceu surpreendê-lo. Quando ele sentou-se conosco por algum tempo e ficou claro que Bobby não consentiria em voltar para o hospital, ele solicitou uma cama hospitalar e adesivos transdérmicos com fortes analgésicos para serem entregues. Os adesivos vieram em várias doses e os aplicamos no peito de Bobby de acordo com as instruções que recebemos e também de acordo com suas necessidades, a qualquer momento. Nós só tivemos que ter cuidado para não aumentar a dose muito rapidamente.

Assim que os analgésicos começaram a fazer efeito, um pesado fardo pareceu ser tirado de Bobby. Embora ele tivesse se acalmado, ele estava pensativo sobre o uso da palavra "paliatividade", com relação à entrega dos analgésicos. Ele agora olhou para mim com um olhar fixo e perguntou se eu achava que tudo isso significava que ele era considerado um doente terminal.

Eu disse que não deveríamos ler mais do que o necessário. Nosso sistema de saúde pressupõe que pessoas seriamente doentes, como ele, permaneçam em hospitais sob a supervisão de médicos. Como ele não queria ser hospitalizado, haviam poucas outras alternativas além de utilizar esses adesivos transdérmicos, que são administrados em cuidados paliativos para pacientes que permanecem em casa.

"Mas parece que estou morrendo?"

"Não, Bobby. Você não parece estar morrendo" - tentei convencer a nós mesmos. Neste momento, entre o Natal e o Ano Novo, eu não acreditava nem desejava acreditar em nada além de que Bobby sobreviveria a isso. Tão sincero era ele, em sua esperança de recuperação, que senti que era essencial para nós dois compartilhar isso com ele - a esperança que já o levava tão longe. De novo e de novo ele me perguntou como eu achava que ele parecia e o que eu achava de seu prognóstico. De novo e de novo eu tive que dizer a ele que eu achava que havia muita vida em seus olhos para ele não conseguir se recuperar.



Bobby queria me contar sobre sua mãe e como foi doloroso para ele não ter recebido sequer uma única foto dela quando seu patrimônio foi dividido. Isso foi tão agonizante de ouvir que entrei em contato com seu ex-cunhado, Russell Targ, e expliquei a ele sobre a doença séria com a qual Bobby estava lidando. Então, eu disse a ele que, independentemente da amargura de Bobby em relação aos sobrinhos sobre assuntos de herança, ele agora já havia passado da fase de cuidar de bens materiais e estava simplesmente triste por não ter nenhuma foto de sua mãe e irmã. Targ respondeu bem ao meu apelo e imediatamente juntou várias fotos, que ele me enviou alguns dias depois.



Dias felizes: Kristen e Gardar Sverrisson com Miyoko em uma viagem ao interior da Islândia no verão de 2005. O fotógrafo: Bobby Fischer!

Escuridão do inverno

No final de dezembro, Miyoko havia voltado ao país e agora suportava o peso de cuidar de Bobby, de dia e de noite. Embora sua condição tenha piorado progressivamente, eu esperava que esse declínio fosse gradualmente revertido, da mesma forma como aconteceu no hospital há três meses. Quando Miyoko questionou se era seguro para ela voltar para o Japão, lembrei-lhe de como as coisas tinham evoluído no hospital e disse que deveríamos ter fé que as coisas evoluiriam de maneira semelhante desta vez. Tendo essa esperança em mente, ela deixou o país.

Depois de uma noite quase sem dormir, eu me sentei com Bobby de manhã e ficamos até tarde da noite, mas agora eu precisava de muito mais descanso do que aquele que às vezes eu conseguia obter no sofá de sua sala de estar. Como Kristín estaria no trabalho desde cedo na manhã seguinte, eu estava me sentindo impotente e sem recursos. Naquele dia, domingo, 13 de janeiro, Bobby estava se sentindo péssimo e não conseguia se imaginar sendo deixado novamente aos cuidados da enfermeira que o hospital poderia providenciar para nós. A única opção era procurar alguém que Bobby conhecesse e confiasse.



Fischer com Magnús Skúlason, logo após sua chegada na Islândia [

O doutor Magnús Skúlason imediatamente respondeu com gentileza e chegou à nossa casa em pouco tempo. Bobby ficou feliz em vê-lo novamente, depois do longo tempo que passou desde a última vez que se encontraram no hospital. Magnús havia trazido alguns materiais para exames junto com ele, mas logo percebeu que não haveria nenhuma consulta com um paciente sonolento. Foi nessa noite que Bobby transmitiu a Magnús o que tantas vezes ouvimos ele dizer, que nada aliviou o sofrimento como o toque humano. Mas o sofrimento continuou e aumentou ainda mais na segunda-feira seguinte. Na verdade, sua vida estava pendurada por um fio e era algo extraordinário que um paciente gravemente doente estivesse fora de um hospital.

Porque eles entorpeceram sua mente, Bobby não gostou dos adesivos de analgésicos. Em certa ocasião, quando ele me permitiu aplicar um adesivo com uma dose maior, foi demais para ele. Felizmente eu percebi o que estava acontecendo e consegui arrancar o adesivo a tempo. Bobby estava agora lutando contra uma infecção e apresentando uma febre baixa. Mas como ele considerava o uso de antibióticos contrário ao equilíbrio pretendido pela natureza para a vida - um propósito oculto para nós - ele recusou tal tratamento. Sem muita delicadeza, ele acabou concordando com o médico e me deu um frasco do antibiótico para deixar guardado, caso ele mudasse de idéia.

Bobby ficou tão fraco e magro que mal conseguia ficar de pé. "Você acha que eu estou morrendo?" - ele ficava me perguntando... E sempre parecia levantar o ânimo para me ouvir dizer que eu não acreditava que ele estivesse morrendo. Se o pior acontecesse, porém, ele me lembrava do que havíamos combinado, sobre manter seu funeral absolutamente tranquilo, longe das pessoas e das câmeras. Então ele estendeu a mão e continuou perguntando se eu achava que ele estava morrendo. E eu continuei dizendo a ele que eu não achava que ele estava morrendo.

Sua condição era horrenda quando Eiríkur chegou e quis empreender mais uma tentativa de persuadir Bobby a voltar ao hospital, já que esse atendimento domiciliar contrariava todo o tipo de bom senso. Ele gastou seu tempo e fez o seu melhor para dissipar todas as preocupações que foram nominalmente colocadas sobre a internação, muito na verdade elas fossem referentes a outra coisa. A essa altura, a angústia de Bobby se devia a algo maior que o próprio hospital.

A atmosfera era sensível e frágil enquanto tentavam chegar a um consenso. Com uma expressão triste, por fim Bobby sentou-se e nos pediu para ajudá-lo a encontrar suas roupas, o jeans e o suéter de algodão azul. Enquanto isso, Eiríkur foi buscar uma cadeira de rodas.

Mais uma vez, sentamos em nossos lugares no Passat e seguimos pelo mesmo caminho ao longo de Öskjuhlíð, que tantas vezes tínhamos percorrido até a cidade. Bobby não queria uma ambulância. Assim sendo, pudemos inspecionar a cidade, branca como a neve sob o sol da tarde. Comentei sobre este belo clima de inverno, que normalmente teria alegrado Bobby. Ele deu um pequeno aceno com a cabeça e continuou a olhar a estrada, angustiado.

Arranjos foram feitos para que nos dirigíssemos diretamente para o térreo do hospital, pelo mesmo caminho de entrada de uma ambulância. De lá, levamos Bobby, de cadeira de rodas, até o terceiro andar, onde ficava o departamento de urologia. Lá, fomos nós diretamente para uma sala privada, que tinha sido reservada para a nossa chegada. Enquanto Bobby tentava se orientar, os médicos e outros funcionários estavam constantemente indo e vindo. Era difícil entender quem era quem e por que cada um deles estava lá. Em certo momento, um jovem de aparência amigável, médico ou estudante de medicina, apareceu.

"Eu pareço que estou morrendo?" - Bobby perguntou e olhou esperançoso para ele.

Preso em suas responsabilidades teóricas, o jovem Bazarov iniciou sua resposta: "Estou com muito medo" - disse ele - "pois não seria muito honesto da minha parte afirmar que esse não seja esse o caso".

"Mas você acha que eu estou morrendo?" - Bobby continuou.

"Bem, essa é a mesma questão" - respondeu Bazarov - "Eu não seria totalmente honesto com você se eu dissesse que..."

"Isso é o suficiente" - eu interrompi em islandês e certifiquei-me de continuar falando o tempo suficiente para colocar um fim permanente à abordagem impensada da ciência dentro daquela sala. Embora eu tivesse lançado minha voz de tal maneira que Bobby não necessariamente pudesse achar que eu estava tentando silenciar o homem, eu podia sentir que ele estava ciente de que minha intervenção tinha removido do menu todas as conversas sobre sentenças de morte. E por isso ele parecia grato. Ele me deu a mão e me pediu para lembrar com ele o que eu tinha visto em seus olhos que me fez pensar que ele não estava morrendo. Enquanto eu segurava sua mão, isso me dava um pouco de consolo para poder falar mais uma vez sobre a vitalidade que ainda lá estava em seus olhos castanhos.

Chegou a noite de quarta-feira e Bobby estava finalmente começando a se acalmar. Um homem jovem e calmo, que eu achei ser um estudante de psicologia, tinha sido convidado a sentar-se com Bobby. Como muitas vezes antes, Bobby se sentia bem na companhia de jovens de mente aberta, desde que ele percebesse que eram seres humanos bons e verdadeiros. Quando vi que eles tinham começado a se entender e que Bobby parecia confiar nele, eu fui saindo devagar e comecei a pensar em ir para casa, exausto depois de um dia longo e emotivo. Finalmente, consegui dormir sabendo que Bobby estava em boas mãos.

Misericórdia

No começo da manhã de quinta-feira, 17 de janeiro, a primeira coisa que fiz foi ligar para o hospital para perguntar sobre a condição de Bobby. A enfermeira de plantão me informou que ele tinha descansado pouco por causa da dor e que ele se recusou a deixá-los tratar com adesivos analgésicos. Como resultado, ele fez tanto barulho durante a noite que acabou criando uma perturbação. Eu disse a essa enfermeira autoritária que lamentava ouvir isso, mas enfatizei que ele não poderia tolerar a dose mais forte dos adesivos analgésicos, fato que eu havia informado ao pessoal da noite anterior. Eu disse a ela que quando ele tentou usar em casa, sua respiração ficou tão difícil que ele parecia estar à beira de morrer em meus braços. Eu também informei a ela que eu estaria lá logo após o almoço.

Na mesa do café da manhã, Togga contou de ter sonhado com Bobby, sorridente e saudável na natureza. Eu dificilmente teria me lembrado desse detalhe, exceto pelo fato de que eu não só tinha visto Bobby em meus sonhos, mas tinha de fato sonhado com ele exatamente da mesma maneira - saudável e feliz na natureza verde de Deus. Nós dois achamos muito especial que essa imagem dele na natureza, feliz e saudável, fosse a única coisa que conseguíamos lembrar de nossos sonhos.

Até o meio-dia, tive de atender a mídia sobre uma disputa envolvendo a Organização das Pessoas com Deficiência, que me pediu para servir como porta-voz deles. Eu ainda estava no escritório deles quando percebi no meu celular que Eiríkur estava tentando entrar em contato. Eu me afastei e decidi retornar a ligação.

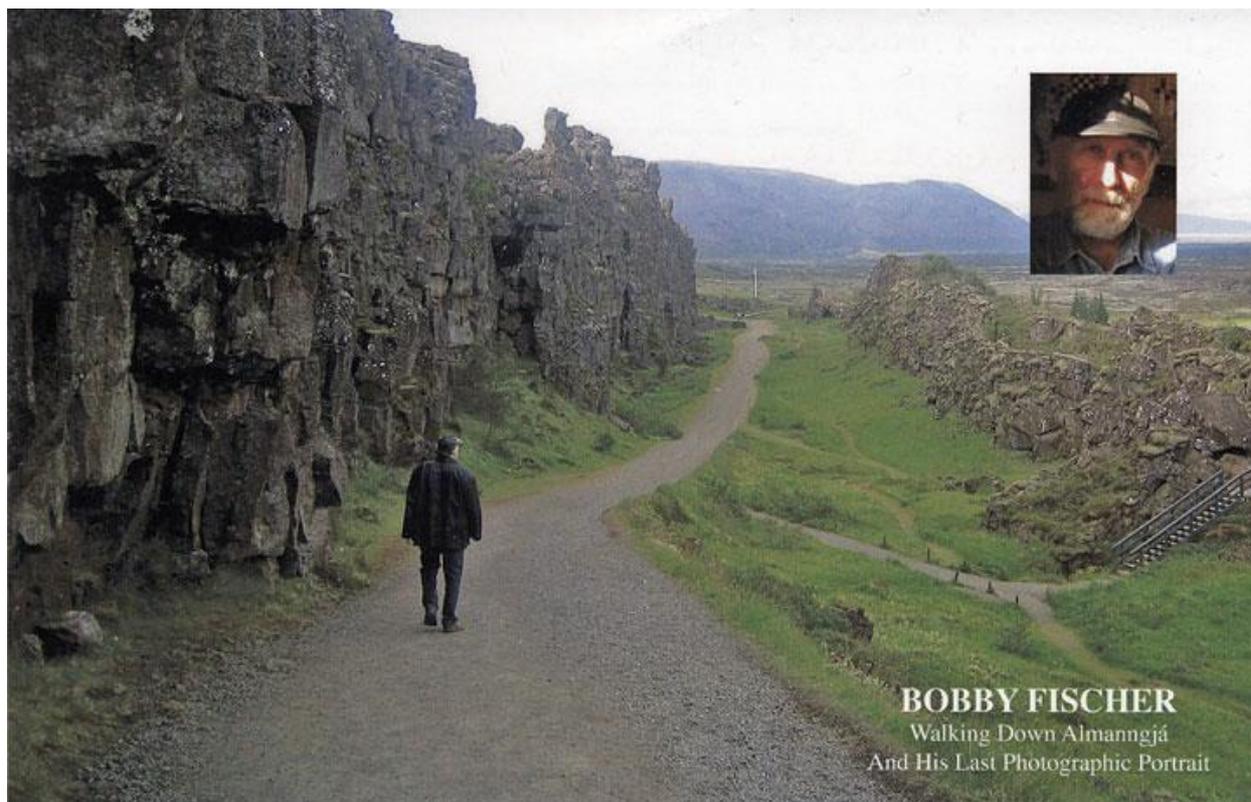
Um triste Eiríkur me disse que Bobby havia falecido. A equipe agora estava vestindo-o e arrumando o quarto, como era costume quando as pessoas morriam. Esse processo seria concluído até que chegássemos ao hospital.

No hospital, Kristín, Togga e eu fomos informados de que Bobby tinha sido colocado em um banho quente naquela manhã, que sabíamos que era uma das melhores coisas que poderiam ser feitas para ele. Depois disso, ele foi apoiado de volta para a cama, onde foi administrado um sedativo e a dose mais forte dos adesivos analgésicos. Depois disso, ele gradualmente perdeu a consciência e morreu.

Eu não disse nada. Não havia sentido em dizer alguma coisa. Apesar do que eu havia dito a eles sobre os adesivos analgésicos, me machucou demais não ter estado lá com Bobby quando ele faleceu. Mas, novamente, minha presença poderia ter sido apenas uma distração e talvez apenas tivesse prolongado o seu terrível sofrimento. No entanto, agora eu sentia como se o tivesse traído, trazendo-o para o hospital, local onde ele não queria ir. Mas agora não havia sentido em pensar sobre isso.

Havia tranquilidade no rosto de Bobby, onde ele estava deitado com os olhos fechados em seu leito de morte. Na sua mesa de cabeceira havia um pano branco, uma vela e o Novo Testamento. O sacerdote da comunidade católica, Padre Jacob Rolland, juntou-se a nós e nos conduziu a um momento de oração, depois do qual fizemos o sinal da cruz sobre Bobby.

A equipe do hospital envolveu Bobby com um lençol branco e colocou-o em um caixão de aço para transporte, de cor cinza. Kristín, Togga e eu os seguimos pelo corredor e descemos pelo elevador. No térreo, esperamos enquanto colocavam o caixão no carro que já aguardava. Foi uma visão assustadora ver o carro se afastar do hospital. Essa imagem vai demorar a desaparecer da minha mente.



Um retrato final de Bobby Fischer, fornecido por Einar S. Einarsson

O livro "Yfir farinn veg með Bobby Fischer" contém muito mais histórias de seus últimos dias do que os trechos citados acima - detalhes muito mais angustiantes do sofrimento de Bobby. Mas o volume principal do trabalho é dedicado aos poucos bons anos que Fischer passou na Islândia, seus interesses, pensamentos e suas interações com as pessoas que o rodeavam, estas nem sempre com suas melhores intenções no coração. A tradução em inglês de María Helga Guðmundsdóttir é intitulada "Anos Finais de Bobby Fischer, Uma Memória de Gardar Sverrisson". Ela está pronta para ser publicada, mas ainda procura um editor - as partes interessadas podem entrar em contato com Gardar através de nós.

*Fonte: Chessbase
Adaptação: P4R.com.br*